

Transcrição

Vídeo: Saúde e ciência em tempos de pandemia.

[[Saber Comum | Saúde e ciência em tempos de pandemia - Aula 16: Carlos Gadelha](#)]

[00:00:01]

[Narradora]

Saber comum, uma iniciativa conjunta de Educação a Distância e divulgação Científica de instituições públicas de ensino superior e pesquisa do Rio de Janeiro. A saúde é um direito universal e investir em seu desenvolvimento e inovação, é investir na melhoria da qualidade de vida da sociedade como um todo. É necessária a convergência de um conjunto amplo de políticas que olhe a saúde a partir de uma perspectiva combinada, como direito e bem-estar social por um lado, mas também como produção do conhecimento, soberania científica e desenvolvimento econômico. Na aula de hoje, o professor Carlos Gadelha da Fundação Oswaldo Cruz vai mostrar e exemplificar a importância da saúde como uma ferramenta de transformação social, política, institucional e ambiental. Saúde e ciência em tempos de pandemia, na aula de hoje, desenvolvimento, saúde e inovação.

[00:01:10]

[Carlos Gadelha]

Hoje nós estamos inaugurando o módulo complexo econômico-industrial de inovação e saúde, que faz parte da disciplina saúde ciência em tempo de pandemia. Meu nome é Carlos Grabois Gadelha, sou da Fundação Oswaldo Cruz, coordeno a área de prospecção e sou professor da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Na aula de hoje, eu vou procurar avançar com vocês no tema desenvolvimento, saúde e inovação. Na verdade, o que eu vou propor aqui é uma mudança de óculos, normalmente se vê a saúde como um fardo, como um problema, como algo que se contrapõem ao desenvolvimento e nós vamos caminhar nessa disciplina para mostrar que saúde é desenvolvimento, saúde é inovação, e saúde é uma grande oportunidade para o nosso país. Esse módulo que eu tenho o prazer de coordenar, ele procura articular essa visão geral da saúde, o impacto que tá tendo a quarta Revolução Tecnológica, o papel do território, como é que a globalização acaba com o território, a gente vai mostrar que não, a dimensão local e nacional continua sendo importante.

Vamos entrar no mundo também da gestão da inovação, como é que as instituições se preparam para transferir e absorver tecnologia, para fazer patente e dialogar isto com o interesse público. E depois, a gente finaliza este módulo conversando sobre a inovação como um processo sistêmico e eu volto a estar com vocês para discutir e afirmar que a saúde é uma porta de saída da crise. Ao contrário que a gente fica vendo aí no senso comum, que contrapõe saúde e desenvolvimento, nós vamos fazer uma aventura neste módulo dessa disciplina para inverter e a gente trocar de óculos, a gente começar a olhar a saúde como desenvolvimento. Então vamos aqui desenvolver e abrir essa grande perspectiva e esse percurso nosso que nós vamos desenvolver. Eu trouxe aqui para vocês,

a visão de alguns grandes autores, o Schumpeter, que é o autor da da inovação, quem fala em inovação tem saber quem é Schumpeter, então é um grande teórico da inovação, a visão do nosso Celso Furtado, o maior economista brasileiro, muito mais que economista, trabalhou com cultura, sociedade, o maior pensador brasileiro do desenvolvimento. E depois dialogar também com a agenda do desenvolvimento sustentável, o que eu queria passar aqui, peço que todos leiam essas citações, mas primeiro que o processo de desenvolvimento como tá aqui em Schumpeter, é um processo que envolve transformação, desenvolvimento não é fazer mais do mesmo, desenvolvimento é se transformar.

Se a gente puder pensar que na saúde, qual foi a grande transformação recente? A própria criação do Sistema Único de Saúde, foi uma grande inovação que transformou a realidade da saúde e ainda bem que a gente tem o nosso SUS, neste contexto tão ameaçador e tão desafiador como o da pandemia. Então, primeira ideia, desenvolvimento é transformação, não é fazer mais do mesmo. A segunda dimensão que eu queria apontar arrancando aqui do Celso Furtado, Celso Furtado realmente era brilhante, recomendo, a gente tem que valorizar os nossos, nenhum complexo de vira-lata aqui. O Celso Furtado ele coloca, vocês veem lá no final dessa frase, também o desenvolvimento como um processo de inovação tecnológica, de diferenciação do sistema produtivo, mas ele lembra a gente uma questão, o desenvolvimento é um processo de mudança social, ou seja, a sociedade tem que mudar para se desenvolver, para atender necessidades humanas, então o Celso Furtado ele coloca a bola no terreno certo, no jogo certo, ele fala, desenvolvimento é transformar, mas transformar para que? Para atender as necessidades humanas mediante um processo de transformação social.

E por fim, eu trago aqui o relatório, a citação do relatório que lançou a ideia do desenvolvimento sustentável, que não basta a gente pensar nas atuais gerações quando a gente está pensando no desenvolvimento, a gente tem que pensar no ambiente, no planeta, e nas futuras gerações, ou seja, as necessidades humanas do presente, como o Celso Furtado apontou de modo tão brilhante, tem que ser pensados também a luz das futuras gerações e da própria vida no nosso planeta. Então, desenvolvimento é inovação, desenvolvimento é transformação, desenvolvimento é atender as necessidades humanas e ambientais e de nosso planeta. Nesse sentido, a gente ao trabalhar no campo que relaciona desenvolvimento e saúde, a gente tem que pensar saúde a partir de uma tripla dimensão que dialoga com aquelas definições. Em primeiro lugar, a saúde antes de tudo é um direito, o direito de cidadania, um direito social, é algo que a gente tem que dizer, não pode depender da capacidade de pagamento de uma pessoa ter acesso à saúde, é inaceitável do ponto de vista ético que uma pessoa pelo seu nível de renda, pelo o seu local de nascimento, tenha uma expectativa de vida diferente ou tenha uma qualidade de vida diferente, saúde é qualidade de vida.

Então primeira questão ética política, é que a saúde ela é desenvolvimento, porque eu não posso ter um desenvolvimento com pessoas e com uma sociedade que não seja saudável, saúde como qualidade de vida envolve então a questão dos sistemas universais,

que garante o acesso universal, equânime e integral para todos. Imagine uma sociedade em que tivesse como premissa, que uns têm mais direito à vida que os outros, é eticamente inaceitável. Então, é importante, e aí eu até trago minha tradição, sou economista, mas eu acho que a economia cada vez mais tem que se aproximar das humanidades como uma ciência moral, a economia é uma ciência social, então primeiro ponto de vista que eu acho que permite até a gente atravessar e superar esse debate atual, é a saúde como qualidade de vida, como um direito de cidadania como está na Constituição Brasileira. E para isso, nosso Sistema Único de Saúde é um patrimônio de todas as brasileiras e todos os brasileiros, uma segunda perspectiva que começa a ampliar o nosso foco é que saúde também é conhecimento, é inovação e soberania.

A pandemia atual do Novo Coronavírus, a pandemia que a gente está enfrentando mostrou que a dimensão econômica tecnológica do conhecimento, ela dialoga o tempo todo com a dimensão social. Se nós não conseguimos pagar ventiladores, se nós não conseguimos entrar na modernidade das novas vacinas, dos medicamentos, da atenção especializada e de uma atenção básica inteligente, que preditiva, capaz de utilizar as grandes bases de dados e inteligência artificial, se a gente não associar o conhecimento e a inovação, a gente não vai conseguir garantir a saúde como direito social. Então tem algo que a gente tem que falar e bater no peito, saúde também gera renda, gera emprego, gera inovação e gera futuro, então a saúde é um direito de cidadania, mas é uma fonte de desenvolvimento econômico e social. No contexto da quarta Revolução Tecnológica, se a gente for pensar o que é essa quarta Revolução Tecnológica? Big data, Inteligência Artificial, impressão 3D, internet das coisas, hiperdigitalização, todas essas áreas são lideradas pelo campo da saúde. Então saúde ela tem protagonismo numa sociedade do conhecimento, sociedade da inovação, e a terceira dimensão que eu mencionei naquelas definições, a saúde ela é desenvolvimento sustentável, não tem desenvolvimento sustentável sem qualidade de vida, que é a definição correta da saúde, e por outro lado, não tem saúde se o ambiente não é um ambiente sustentável e que gera qualidade de vida, um ambiente que gera poluição, que desmata, que gera uma vida pouco saudável na relação do homem e do ser humano com a natureza, não é um ambiente promotor da saúde.

Então a saúde ela envolve essas três dimensões, a dimensão social, econômica e ambiental, e isto é novo, eu estou fazendo aqui a visão de que eu tenho sistema produtivo tecnológico de inovação, que a saúde se torna desenvolvimento porque ela lia as três dimensões centrais do desenvolvimento, que estão naquelas definições. Como eu mencionei, se a gente não tem capacidade tecnológica para fazer vacina, ventilador, nós não temos saúde, por outro lado, se nós não temos um Sistema Único de Saúde, nós até podemos ter ventilador e vacina, mas as pessoas não vão ter acesso. Então há uma interdependência, a pandemia da Covid 19 mostrou para todos nós que eu não posso olhar para um lado só da saúde, ao mesmo tempo eu tenho que ter a capacidade tecnológica, capacidade de inovação e compromisso com o acesso universal por parte da nossa sociedade. Para todas as instituições que os alunos aqui pertencem, é importante dizer isso, para as alunas e para os alunos, que nós não vamos ter que optar por uma das

duas dimensões, a gente ao mesmo tempo vai ter que ter uma estratégia, pode ser a nossa instituição, sou da Fundação Oswaldo Cruz. Qual é a vida da Fundação Oswaldo Cruz? A Fiocruz esteve na liderança da formulação do nosso Sistema Único de Saúde e ao mesmo tempo é Instituição Líder Nacional na produção de vacinas, produtos para câncer, teste para diagnóstico, ela ao mesmo tempo é uma organização de desenvolvimento econômico e de inovação, é uma Instituição comprometida até seu último nível com a saúde da população.

A gente costuma ter uma brincadeira que a gente faz muito na Fiocruz que você pode não saber, mas você tem a Fiocruz dentro de você, na medida em que você tem uma vacina, um teste diagnóstico é feito na Fundação Oswaldo Cruz, você pode não saber, mas ao mesmo tempo você tem um SUS e tem a ciência e a tecnologia dentro de você. Então, quando a gente toma uma nova vacina, a gente tem ao mesmo tempo o SUS e ao mesmo tempo nós temos ciência, tecnologia e inovação. A gente formulou na Fundação Oswaldo Cruz há mais de 20 anos, uma concepção inovadora que traz o campo econômico, tecnológico e da inovação para ser pensado junto com o campo do direito social. A ideia é que a gente não vai ter direito social, acesso universal se a gente não tiver uma base produtiva, tecnológica e econômica digna. Um país que só produz soja e minério e compra tudo que precisa para a saúde, não será um país desenvolvido e a gente não vai garantir o acesso universal.

Então nós temos um complexo econômico-industrial da saúde, que agrega os setores industriais e os setores de serviços. Dentro da indústria existe aquelas indústrias base química e biotecnológica, como a indústria farmacêutica, a indústria de vacinas, a indústria de reagentes para diagnóstico biológicos, a indústria de hemoderivados, vocês tem uma série de setores, como o caso mais emblemático da área de medicamentos e vacinas, que tem essa base química e biotecnológica dentro do sistema produtivo de inovação em saúde. Um segundo grupo, um segundo subsistema que é de base mecânica e eletrônica de materiais, são os equipamentos, é onde a tecnologia digital se faz muito presente, os equipamentos de radioterapia, tomografia, de diagnóstico, de tratamento de câncer, os equipamentos também para o diagnóstico, que o diagnóstico envolve tanto o componente biológico quanto o componente de dispositivos, as órteses e próteses para os transplantes, então existe um conjunto de indústrias de base mecânica e eletrônica. Por fim, toda essa produção industrial em saúde, conflui para área de serviços, para o subsistema de serviços, se uma vacina não chega na atenção primária, ela não serviu para nada, se uma órtese e prótese não é implantado no hospital, ele não serviu para nada, quando a gente fala translação do conhecimento, se dá por esta confluência e convergência entre indústria e serviços, e a área de serviços em si é uma área econômica.

Muitas vezes uma pequena cidade, o programa de saúde da família é o que mais mobiliza a economia daquela pequena cidade, emprega agentes comunitários de saúde, médicos, fisioterapeutas, assistentes sociais, psicólogos. Então a saúde olhada com esse novo óculos, ela não é só problema, ela é solução, inclusive porque ela paga maiores salários, emprega pessoas de modo mais decente, formal, e é um sistema produtivo que articula

indústrias e serviços, dos serviços a gente tem desde a atenção básica, até aquela atenção mais especializada, como por exemplo nas unidades de tratamento intensivo, que conflui em um serviço de saúde que é como os produtos, os serviços e o conhecimento chegam à população. O Brasil hoje, esse sistema produtivo, ele representa 9 por cento do PIB, é dos sistemas produtivos mais dinâmicos do país, é quase o que toda a indústria brasileira representa do PIB e a gente não sabe que saúde é riqueza. Olha como a gente está colocando algo novo aqui nesta disciplina, sete milhões de trabalhadores trabalham no campo da saúde, se eu pegar o trabalho direto e indireto, são 14 milhões de pessoas, o desemprego do país hoje, por coincidência, de 14 milhões de pessoas, se a gente injeta recursos na saúde, a gente tira a pessoa do desemprego e a gente muda a vida do país, então só emprego a saúde emprega.

Em termos diretos e indiretos a mesma quantidade do desemprego, que dramaticamente assola o Brasil no momento atual, a saúde também, ela é pesquisa, trinta por cento da pesquisa brasileira está no campo da saúde, ela lidera as novas tecnologias do futuro e ela é decisiva para se o Brasil vai entrar com a cabeça erguida, sabendo fazer vacina, medicamento, ventilador, dar serviço de assistência, ter uma classe de profissionais em saúde, governo médico, enfermeiro, fisioterapêutico, que estão na sociedade do conhecimento ou se nós vamos ser apenas um mercadinho que consome produtos que são feitos lá fora e que a gente não tem nenhum domínio sobre a nossa capacidade tecnológica de fazer e desenvolver os produtos para nossa população. O Brasil tem o maior Sistema Universal do Mundo, tem uma base de Ciência e Tecnologia e tem tudo para entrar nesta divisão internacional do trabalho com a cabeça erguida, sabendo fazer tecnologia em saúde. Esse dado, esse quadro aqui que eu tô mostrando pra vocês mostra que o sistema produtivo da saúde ele está sendo completamente revolucionado pela quarta Revolução Tecnológica.

Hoje em dia com a digitalização, o serviço está na indústria, a indústria está no serviço, hoje quando se produz vacina você tem equipamentos de monitoramento das vacinas, elas dialogam o tempo todo como é que está a atenção básica, a informação que tem, olha as regiões estão com tal temperatura, eu tenho que ter uma rede de frios para que aquela vacina chegue com a temperatura, que ela não estrague na ponta, ou seja, há uma confluência entre indústrias e serviços, onde o diálogo entre todas as áreas e as pessoas que trabalham nesses campos, cada vez é maior. Outro dia eu entrei num laboratório pra Zika, na Paraíba, e as pessoas que estavam dentro do laboratório, para minha surpresa não eram médicos e biólogos, eram técnicos de computação, engenheiros, matemáticos, ou seja, o mundo está muito mais integrado e a Revolução Tecnológica está invadindo e sendo transformada no campo da saúde, e a gente tem que entrar na Revolução Tecnológica para não descolar a saúde do seu objetivo social. E aqui vem um dado, que eu mostro para vocês, um dado que me preocupa, essa curva de cima mostra as importações do Brasil na medida em que o Sistema Único de Saúde avança e que o acesso universal avança, as importações brasileiras aumentam de 4 bilhões de dólares para 15 bilhões de dólares, isso mostra a curva de cima, a segunda curva são as exportações baixinhas, que a

gente ainda não tem capacidade tecnológica e a de baixo do gráfico, mostra a diferença entre as importações e as exportações.

Mas vamos olhar a curva de cima, a gente hoje importa 15 bilhões de dólares em produtos em saúde, isto aumentou em quase quatro vezes nos últimos 20 anos, ampliou o acesso mas não ampliou a capacidade tecnológica do país, se eu for contar o que a gente paga por tecnologias e insumos que não estão dentro da saúde, mas que são essenciais para os produtos de saúde, da petroquímica, insumos que, por exemplo, software que a gente compra e não aparece como saúde, mas é utilizado nos serviços de saúde, nos hospitais, na atenção primária, todos usam software. E se a gente somar isso tudo, o Brasil importa 20 bilhões de dólares em saúde, gente observem isso, não é dado de economista, nós importamos o equivalente a um orçamento inteiro do Ministério da Saúde, um orçamento inteiro do Ministério da Saúde gera riqueza, gera conhecimento, gera inovação fora do Brasil. E nós ficamos de joelho quando a pandemia como essa ocorre, implorando para ter equipamentos de proteção individual, implorando para ter ventiladores, sendo chantageados por países ricos que roubam, literalmente sequestram os produtos, roubam não seria a palavra mais elegante, sequestram os produtos que estão dentro dos aviões vindo para o Brasil e são retirados. Os preços triplicam, aquele preço nacional que parecia caro, virou barato, só que a gente não tem produto.

Olha no campo dos ventiladores o, Brasil aumentou em cinco vezes a importação de ventiladores, era 10 milhões de dólares, aumentou para cinquenta milhões de dólares antes da pandemia, na pandemia não aumentou, acabou, nós não tínhamos aonde comprar, porque a nossa capacidade tecnológica e eu quero registrar aqui a proficiência da COPPE, da USP, diversas das universidades, mas não havia musculatura econômica produtiva para transformar aquele conhecimento em riqueza para nossa sociedade, mas as respostas foram importantes, mas a nossa dependência está aí, nós nos tornamos muito vulneráveis do ponto de vista tecnológico, e quem não tem ciência e tecnologia, não tem sistema universal. A nossa disciplina, o nosso módulo, e essa aula fala, eu não posso falar de acesso universal sem conhecimento, sem ciências, sem tecnologia e sem inovação e no mundo que o jogo tá pesado, mais de 100 países estão bloqueando exportar produtos para gente, países ricos e países mais desenvolvidos do mundo proibiram exportar produtos. Então o que antes parecia uma ideia da Fiocruz, uma ideia muito heterodoxa mostrando, é, não é ideologia gente, é necessidade.

O Brasil tem que ter ciência, tem que ter tecnologia, tem que ter inovação. Senão, essa inovação, esse gráfico que mostra a nossa falta de inovação, é a boca do Jacaré, ela tem limite. E a próxima pandemia? E o tratamento do câncer? Porque Coronavírus não é o único problema que a gente tem. O câncer é a segunda causa de morte, doenças do coração é a primeira causa de morte. Professor Medronho aqui, conversou com vocês mostrando isso, então é o sistema que a gente trabalha e nós somos dependentes em várias partes desse sistema, temos alguns casos que a gente foi muito bem, conseguiu se desenvolver bem, como no caso das vacinas, dos medicamentos para AIDS e dos testes para diagnósticos. Quero mostrar aqui esta figura que muito me impressiona na sociedade

do futuro, é a sociedade da quarta revolução, o mundo todo robotizado, e o robô dando esmola para uma pessoa marginalizada da sociedade. É essa sociedade que a gente quer? Como que nós vamos colocar a ciência, tecnologia e inovação a serviço das mulheres e dos homens? Esse é o tema central que a gente tem que articular, ciência, tecnologia, inovação e produção nacional, mas isso para atender as necessidades humanas como falava o grande Celso Furtado, não tem desenvolvimento para criar robô inteligente e para as pessoas serem aleijadas de modo de modo vil sobre os frutos do desenvolvimento.

Essa imagem fala mais do que mil palavras. Esse também muito interessante, é um algoritmo feito pelo pessoal do Facebook, pedindo para o algoritmo ler essas duas imagens, um sabonete de população de baixa renda, de países menos desenvolvido em barra, e o sabonete típico de população mais rica de países envolvidos, o algoritmo adivinhou que na parte direita aqui da fotografia, o sabonete em frasco era um sabonete, na parte esquerda aqui da imagem, o sabonete em barra, o algoritmo falou que era um alimento, era um hambúrguer, era um queijo. Então, o quê que mostra? O algoritmo depende de quem desenvolveu ele, se a gente não faz tecnologia, o nosso algoritmo não vai olhar para as nossas necessidades, vai transpor as necessidades deles para uma realidade completamente diversa, a Maré tem uma letalidade de muitos. Chegou em algum momento a estar até dez vezes superior a um bairro rico da zona sul do Rio de Janeiro, o algoritmo desenvolvido lá fora não iria olhar para a Maré, iria olhar apenas para aqueles que têm um nível de renda semelhante ao lugar onde este algoritmo foi desenvolvido. Isso mostra que a Revolução Tecnológica que a gente tem que entrar, não prescinde do conhecimento gerado nas universidades brasileiras, nas instituições brasileiras, como a Fiocruz, e isto é o nosso patrimônio para garantir a saúde universal.

Essa aqui, ele então mostra também uma perspectiva que a gente tem que trabalhar de modo muito forte, de pensar para fora da nossa caixa, de pensar para fora da nossa caixa que divide a sociedade em você produz em indústria ou você produz serviços. Você faz ciência ou você trabalha para o SUS? Você trabalha na área biomédica ou você trabalha na área social? Na verdade, o que a gente aponta aqui de modo muito, muito, muito importante, é que a saúde requer uma visão ampliada, ela requer uma visão em que integre essas diversas áreas. A gente não pode pensar em saúde sem pensar no desenvolvimento industrial, como é que esse desenvolvimento industrial se articula com um vigoroso programa de atenção básica. Só para dar uma ideia, hoje a nossa atenção básica ela está presente em 90, mais de noventa e cinco por cento dos municípios brasileiros, ela atende mais de sessenta por cento da população e a atenção básica do futuro não é mais apenas a atenção básica que fornece soro caseiro, muitas vezes tem que fornecer o soro caseiro, o simples é bom, o simples às vezes resolve, mas você não tem as novas tecnologias para uma atenção básica e inteligente, é dramático.

Por exemplo, nos dias atuais a gente tem que ter capacidade de previsão, por exemplo, se o clima do planeta aumentar em 1°, infelizmente está aumentando, se o desmatamento ocorre por motivos naturais ou por motivos ligados à ação humana e o clima aumenta, a

gente com inteligência artificial e Big data, grandes bases de dados, utilizados na atenção básica, a gente consegue saber onde vai surgir dengue, Zika e Chikungunya. Se muda a relação do homem com a natureza, a gente consegue prever inclusive a emergência de novas pandemias. Eu vou falar algo para as alunas e para os alunos, para os colegas e para as colegas que é algo diferenciado aqui para a gente poder pensar. Não era tão imprevisível essa pandemia, a gente teve outros Coronavírus, teve o Mers, teve o Sars 1, esse é o Sars 2, na verdade a nossa ciência e tecnologia tem que ser reforçada, ela é um pilar essencial, inclusive para atenção básica, então gente tem que sair dessa caixa que separa o econômico do social, do ambiental, que separa a indústria dos serviços, que a gente comece a olhar para frente e dizer, saúde é desenvolvimento, saúde é qualidade de vida, saúde é inovação tecnológica. A gente tem ao mesmo tempo, que reforçar o financiamento e o apoio ao SUS, e reforçar a ciência e tecnologia, todos os países do mundo desenvolvidos estão investindo em duas coisas, acesso universal, saúde e ciência e tecnologia.

Se a gente não seguir essa trilha, nós vamos ficar de joelhos sempre que a gente enfrentar uma pandemia e o problema de saúde pública, então nós temos que pensar que sociedade nós queremos, era a última frase daquela figura, que sociedade nós queremos. E aqui eu trouxe para todos aqui uma citação do Paulo Freire, não é a gente ficar adivinhando o futuro, cruzar os braços e esperar, ele é o patrono da educação brasileira, essa primeira aula deste módulo eu queria trazer o Paulo Freire para vocês, ele move, "Movo-me na esperança enquanto luto. E se luto com esperança, eu espero, então eu tenho que lutar com esperança, e o futuro não nos faz, nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo, o desenvolvimento, a saúde, ciência e tecnologia é uma obrigação nossa, é uma decisão nossa. Não é ficar esperando que ele não vem de graça, ele vem com esforço, com luta e com união. E os sonhos são projetos pelo qual se luta." Ou seja, sonho não é algo fora da realidade, essa aula objetiva trazer para o nosso diálogo esse sonho, mas um sonho que é colado na possibilidade concreta do Brasil. O Brasil se desenvolveu em vacinas, o Brasil se desenvolveu em medicamentos para AIDS, o Brasil implementou um dos maiores programas do mundo de atenção básica e o nosso maior sistema universal do mundo. Nós temos todas as condições para que esse sonho se torne realidade, saúde é desenvolvimento. Muito Obrigado!

[00;29:22]

[Narradora]

Como você viu, é preciso que se estabeleça uma perspectiva atualizada do desenvolvimento econômico e social gerado pelas inovações em saúde. A saúde é um bem comum que além de salvar e trazer qualidade de vida, proporciona desenvolvimento para toda a sociedade. [Música]